

FORA O ESTADO. VIVA O ESTADO. QUE ESTADO?

Por sociodialetica, às 23:45 | [link do post](#) | [comentar](#)

1. Andamos tão preocupados com as nossas condições de vida, com alguns dos acontecimentos na Líbia (os relatados pelos órgãos de informação), e com o filho do hipopótamo carinhosamente mostrado pela Televisão, que quase nos passou despercebida uma notícia sobre a Islândia.

Uma operação policial inglesa liderada pelo organismo especializado no combate à fraude (eles têm esses estranhos hábitos de cumprir a lei!) levou à prisão de dois importantes empresários britânicos. São acusados de pertencerem a uma rede internacional associada à falência do banco Kaupthing, “um dos três bancos da Islândia que caiu no auge do aperto do crédito em Outubro de 2008”, arrastando o país e os islandeses para uma situação dramática. Segundo a mesma notícia de *O Económico*, de 10/03/2011, “o banco Kaupthing tinha em carteira empréstimos de 8,6 mil milhões de euros que eram, segundo a primeira-ministra Johanna Sigurdardottir, «se não ilegais, completamente sem ética». No conjunto, os três bancos atingiam dívidas 12 vezes superiores ao produto islandês, o que forçou o país a pedir uma ajuda de 3,3 mil milhões de euros ao Fundo Monetário Internacional”.

2. Esse descalabro bancário não resultou do mau comportamento de alguns, mas da lógica do sistema: a financiarização da economia, a liberdade de circulação de capitais (não de homens!), o poder dado ao mítico mercado. O encanto pela “bola de neve” do crédito que gera crédito, como se nunca fosse preciso pagar as dívidas. Como hoje se reconhece, o sistema financeiro americano, centro nevrálgico da financiarização, especializou-se em criar ferro-velho e vendê-lo como ouro. E todos os outros, incluindo as austeras instituições financeiras alemãs, acumularam o que hoje se designa por lixo tóxico financeiro.

3. Quando o dólar ameaçava deixar de ser internacionalmente convertível em ouro (nos longínquos anos de 60/70 do século passado), discutia-se as vantagens e desvantagem do regime de padrão-ouro, de câmbios fixos ou de câmbios flutuantes na estruturação do sistema monetário internacional. Num desses debates Jacques Rueff, o francês defensor do padrão-ouro, opositor do liberalismo, prognosticava que a chamada liberdade económica, o “livre” funcionamento dos mercados, seria a organização económico-social que exigiria mais frequentemente os governos reunirem de emergência para promoverem políticas económicas. A história deu-lhe razão. Mas nunca imaginou é que essa intervenção dos Estados também seria para prender os defraudadores e combater as máfias. Então era quase impossível prever a degenerescência das relações éticas, como a que vivemos há duas décadas.

4. Será que se pode continuar a defender o “emagrecimento” do Estado, o “haraquiri” do Estado? Será que se pode continuar a defender que os mercados se auto-regulam e que têm uma dignidade institucional superior ao homem? Será que há uma “Declaração Universal dos Direitos dos Mercados”?

A questão não está em mais ou menos Estado, mas em saber que Estado é capaz de repor a dignidade e o respeito pela maioria dos cidadãos do país e do mundo.

Partilhar [Email](#)



Etiquetas: [crise](#), [estado](#), [financiarização](#)

« [POST ANTERIOR](#) [INÍCIO](#) [POST SEGUINTE](#) »

4 COMENTÁRIOS:

Antes de mais, muito bem vindo! É um gosto poder ler as tuas excelentes reflexões aqui no Incursões.

Para início no Incursões pode dizer-se que esta é uma entrada à “matador”!

Não podia estar mais de acordo com a tua análise. Aliás, a frase final vou colocá-la nas frases que ficam porque considero uma questão central, essencial, na sociedade actual, que deveria ser objecto de debate alargado e profundo. No entanto, sendo essencial, pouco se fala dela e isso acontece pela mesmíssima razão pela qual pouco se intervém e decide nesse domínio. Teria que haver uma concertação de Estados para que algo de consequente se passasse na regulação financeira. A ver vamos.

Um abraço e mais uma vez bem vindo!!

O meu olhar a 12 de Março de 2011 às 02:00

[responder](#) | [link do comentário](#)

Gostei. Palpita-me que vai ser um dos meus bloguistas obrigatórios, como já são outros do Incursões.

JVC a 12 de Março de 2011 às 13:23

[responder](#) | [link do comentário](#)

Dou as boas-vindas ao novo colaborador do Incursões, que não poderia ter escolhido melhor tema para começar: o papel do Estado nos dias de hoje e a forma como ele condiciona a vida dos cidadãos.

José Carlos Pereira a 12 de Março de 2011 às 17:21

[responder](#) | [link do comentário](#)

Associo-me aos votos de boas-vindas. É caso para dizer que o Incursões conseguiu um excelente reforço, mesmo no fechar da época de Inverno...

Parece-me que a questão certa é mesmo a que vem colocada: “saber que Estado é capaz de repor a dignidade e o respeito pela maioria dos cidadãos do país e do mundo”. No que toca ao país o primeiro problema a resolver é os políticos (e os gestores que nomeiam) acreditarem no Estado, coisa que não tem acontecido, como o mostra a desregulamentação que promovem e a liquidação do Estado, para dar lugar a parcerias público privadas ou mesmos à criação de entidades de direito privado integralmente financiadas por dinheiros públicos, causa importante da crise financeira que nos toca.

JSC a 12 de Março de 2011 às 23:57

[responder](#) | [link do comentário](#)